

PIBID NO TEAR DO PATRIMÔNIO: TECENDO SABERES COM O PROJETO OBJETOS E MEMÓRIAS DA FÁBRICA RHEINGANTZ

Gabriela Oliveira Britto Sassone da Conceição¹
Carmem G. Burgert Schiavon²

RESUMO

Este relato descreve uma parceria realizada entre o Subprojeto de História do PIBID da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e o Projeto Objetos e Memórias da Fábrica Rheingantz (FURG), possuindo como principais referenciais a arqueóloga Vanessa Avila Costa, a historiadora Olivia Nery, a arqueóloga indígena Anishinaabe-Ojibwe, Sylvia Atalay, o líder indígena Ailton Krenak, e o doutor em educação Luiz Rufino. Para tanto, considera-se a presença industrial e operária enquanto parte inalienável da construção identitária da cidade do Rio Grande, sendo esta já denominada “cidade das chaminés”. Referida identidade encontra forte representatividade na fábrica têxtil Rheingantz, uma das únicas indústrias com parte de seus pavilhões ainda preservados. Nesse sentido, quase todo(a) rio-grandino(a) possui alguma relação com a mencionada fábrica, através de familiares e/ou amigos(as) que lá trabalharam. Ao abordar o conteúdo de Revolução Industrial, objetivou-se proporcionar aos(as) estudantes o reconhecimento da atuação do período estudado em sua cidade, e uma aproximação da presença fabril do Rio Grande, integrando, também, estudos envolvendo a Educação Patrimonial, em uma perspectiva freiriana. Para tanto, realizou-se uma visita à Antiga Fábrica Rheingantz, com duas turmas de oitavo ano, da Escola Estadual Bibiano de Almeida, guiada pela arqueóloga Vanessa Avila Costa enquanto ação do Projeto Objetos e Memórias da Fábrica Rheingantz, por ela coordenado. O Projeto busca a valorização e preservação das memórias e saberes-fazer de ex-operárias(os) da Fábrica Rheingantz – especialmente das mulheres, que representavam maior parte de sua mão de obra –, em ações conjuntas a elas(es) e à comunidade, seguindo os princípios da arqueologia e museologia colaborativas. Os resultados dizem respeito à importância de humanizar a materialidade, abordando o Patrimônio Material e Imaterial enquanto indissociáveis. Nessa esfera, o relato de memórias de ex-operárias(os), compartilhadas pela arqueóloga durante a visita, concedeu vida, sentido e significado às máquinas, às peças produzidas, e aos espaços da fábrica.

Palavras-chave: PIBID, Ensino, Patrimônio, Fábrica Rheingantz, Educação Patrimonial.

INTRODUÇÃO

Compreende-se que a educação não se restringe ao ambiente institucional da Escola ou da Universidade, ela também está “naquilo que geralmente não se reconhece como a sendo, nas interlocuções e nos saberes que a tecem no mundo” (Rufino, 2023, p. 9). Dessa forma,

¹ Graduanda do Curso de História Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e bolsista do Subprojeto de História do PIBID. Contato: gabiobritto7@gmail.com

² Doutora em História (PUCRS), Professora Titular do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande (ICHI-FURG) e Coordenadora do Subprojeto de História do PIBID. Contato: cgschiavon@yahoo.com.br





visando uma aproximação dos(as) estudantes com a temática da Revolução Industrial, conteúdo programático do oitavo ano optou-se, justamente, por uma saída de seu espaço, ocupando um ambiente não formal de ensino, mas que se caracteriza enquanto educativo, expandindo a abrangência da educação e suas possibilidades de ensino.

Nessa esfera, concretizou-se uma parceria com o Projeto Objetos e Memórias da Fábrica Rheingantz, coordenado pela arqueóloga Vanessa Avila Costa, o qual possui, entre suas ações, visitas guiadas à Antiga Fábrica Rheingantz – a qual representa, fortemente, a marcante presença industrial da cidade do Rio Grande/RS, especialmente através da memória dos(as) mais velhos(as), “afinal, não é um exagero dizer que quase todo rio-grandino possui um familiar ou conhece alguém que nela trabalhou” (Nery; Costa, 2024, p. 92). Assim, além de proporcionar aos(as) alunos(as) uma exemplificação da atuação do período estudado de Revolução Industrial em sua cidade, os alunos foram colocados em contato com a identidade operária da cidade do Rio Grande.

A Fábrica Rheingantz, fundada em 1873, em Rio Grande, “foi a primeira indústria de tecidos do Rio Grande do Sul (Matoso, 2019)” (Costa, 2024, p. 13). Em âmbito nacional, “foi pioneira na instalação de um setor de fiação penteada, no ano de 1904, o que possibilitou a produção de tecidos finos e casimira (Silva, 2012)” (Costa, 2024, p. 13). Após sua falência, em 1968, foi reaberta como Companhia Inca Têxtil, em 1970, finalizando suas atividades em 1990 – porém, seria para sempre reconhecida entre os(as) rio-grandinos(as) enquanto Fábrica Rheingantz (Costa, 2024). A fábrica “chegou a empregar 2.000 funcionárias e funcionários em uma área que corresponde à 155 mil metros quadrados (Silva, 2012)” (Costa, 2024, p. 14), sendo desta mão de obra, dois terços referente às mulheres, que trabalhavam na produção, e um terço aos homens, os quais ocupavam, principalmente, funções de manutenção (Paulitsch, 2008; Costa, 2024).

Com base nestes pressupostos e objetivando a valorização e preservação das memórias, experiências e saberes-fazeres de ex-operárias(os) da fábrica, as atividades do Projeto Memórias da Rheingantz concretizam uma abordagem colaborativa, sendo realizadas com as(os) ex-operárias(os) e com a comunidade. Entre suas ações, destacam-se as visitas de ex-operárias(os) da Rheingantz aos pavilhões da antiga fábrica, em que relatam o cotidiano de trabalho fabril e reencontram as máquinas em que trabalharam. Assim como a roda de conversa com ex-funcionárias(os) intitulada "Roda de Memórias da Fábrica Rheingantz", na qual as(os) ex-operárias(os) conversam e compartilham suas lembranças e vivências da fábrica, e em que toca-se o som do apito que indicava o início e fim do expediente –, enquanto recurso sonoro, instiga memórias; a exposição itinerante "Lãs que tecem memórias:





cotidianos de mulheres operárias na Fábrica Rheingantz”; a realização de entrevistas e gravações de vídeos com ex-operárias na fábrica, apresentações artísticas (teatrais, musicais e artesanais), em homenagem às ex-funcionárias; e visitas guiadas com escolas, como a aqui relatada.

Através, então, de uma saída técnica com estudantes das turmas de oitavo ano, da Escola Estadual Bibiano de Almeida, em uma proposta de trabalho sobre/com a Educação Patrimonial, e, em extensão, da abordagem participativa da prática arqueológica, concretizada pelo Projeto Memórias da Rheingantz, e repassada aos(as) estudantes, concluiu-se a potência da humanização da materialidade do Patrimônio Cultural, mediante à imaterialidade das memórias de ex-operárias(os) da fábrica.

METODOLOGIA

A abordagem proposta na saída realizada tem em vista a expansão das possibilidades em trabalhar a História e a Educação Patrimonial, privilegiando o contato direto com o Patrimônio Industrial, especificamente, em detrimento de um estudo apenas teórico do conteúdo, dentro da sala de aula. Assim, ocupar um espaço não formal de ensino possibilita uma potencialização da aprendizagem, na aproximação conferida do conteúdo estudado, e observa-se a alternativa de romper com a resistência de sair da sala de aula para concretizar o aprendizado, pois, “se a educação é um radical da vida, por que não enxergamos as muitas escolas que estão por aí?” (Rufino, 2021, p. 59).

Dessa forma, realizou-se uma visita à Antiga Fábrica Rheingantz, guiada pela arqueóloga Vanessa Costa, que mostrava fotos dos setores que adentrávamos, em funcionamento, e das operárias trabalhando nas máquinas. A visualização do Patrimônio Material pelos(as) estudantes, e a compreensão da atuação industrial em sua cidade, objetivou uma aproximação do conteúdo estudado, diminuindo a distância e a abstração da História possibilitando, assim, situá-los(as) historicamente.

Ademais, o relato de memórias de ex-operárias(os) da fábrica, compartilhadas ao longo da visita pela arqueóloga, concretizou a humanização do patrimônio material observado, significando-o na subjetividade que este detém através dessas lembranças. Assim, além da fábrica, visitou-se, também, seus cotidianos, seus saberes-fazer, e suas dificuldades e afetos relacionados à fábrica. A relevância dessa abordagem ao patrimônio, valorizando seu aspecto imaterial, reside na humanização referida deste, a qual confere vida, maior proximidade, e construção de sensibilidade sobre a importância de sua preservação. Esta humanização se faz ativa no retorno das ex-operárias ao espaço da fábrica, onde são





instigadas memórias e o relato destas. Sobre este aspecto, a arqueóloga Vanessa Costa explica que:

esta materialidade invisível aos olhos de quem nunca a viu, é visível para quem retorna aos espaços fabris, como se nunca tivessem ido embora. As mulheres que carregam consigo a sabedoria relacionada à arte do processamento da lã, transformando-a em fio e em tecido, e o costurando para a confecção dos artigos têxteis, voltaram. Ao pisarem no chão do que um dia foi uma fábrica de tecidos, elas evocam o seu espírito: o ausente maquinário se faz presente outra vez; os espaços, carregados de uma aura sombria, reflexo do período em que ficaram abandonados revivem e estão outra vez repletos de trabalhadoras, cada uma posicionada em sua máquina (Costa, 2024, p. 75 e 76)

A vida posta sobre a materialidade, então, estende-se aos(as) alunos(as) quando a eles(as) são relatadas as memórias, os afetos e as dificuldades das operárias. Para tanto, o Projeto Memórias da Rheingantz concretiza a adaptação do conceito Anishinaabe de “Gikinawaabi”, para o ofício arqueológico, proposta pela arqueóloga indígena Anishinaabe, Silvia Atalay – o qual diz respeito à tradição da oralidade enquanto meio de transmissão de conhecimentos, através da escuta dos(as) mais velhos(as), guardiões(as) dos saberes ancestrais. Segundo Atalay (2006, p. 295), há a necessidade de “mover conceitos da margem para o centro”:

Embora este conceito seja de uma tradição Ojibwe e tenha particular relevância e importância naquele contexto cultural, eu argumento que é também um exemplo da maneira pela qual **o conhecimento tradicional indígena detém sabedoria e relevância para a comunidade global mais ampla da qual faz parte**. Desta forma, **gikinawaabi como uma parte centrada e central da prática arqueológica dominante tem implicações importantes para a teoria, métodos e prática da arqueologia globalmente, fora dos contextos Ojibwe, nativos norte-americanos ou indígenas**. Tem relevância para uma **prática ética e descolonizada globalmente**, que traz a história de volta às mãos, corações e mentes de um público mais amplo de diversas partes interessadas, comunidades descendentes e públicos (Atalay, 2006, p. 297, grifos nossos).

Desse modo, há a valorização da oralidade, e da subjetividade intrínseca às memórias de ex-operárias(os), compartilhadas nos eventos do Projeto, e em suas ações, como durante as visitas de escolas. Assim sendo, as memórias, a história e o conhecimento “não é armazenado externamente, em livros nas prateleiras, mas é interno – mantido dentro das próprias pessoas” (Atalay, 2006, p. 296).

REFERENCIAL TEÓRICO

Enquanto ocupação de um espaço não formal de ensino, a proposição objetivou demonstrar as possibilidades em romper com um ensino meramente teórico sobre determinado período histórico, havendo alternativas em abordá-los em esfera mais próxima à realidade conhecida pelos/as estudantes, regional ou municipal, por exemplo. Desta maneira,





o processo de aprendizado pode estar imbricado a lugares que não o escolar, e que estejam em maior proximidade às identidades dos(as) alunos(as).

De modo semelhante, estabelece-se esta relação com a Educação Patrimonial, a qual, pela própria conexão identitária que condiciona o Patrimônio, deve estar intrínseca a esta esfera. Ressalta-se, nesta esteira, que, como alertou o líder indígena Ailton Krenak, “durante muito tempo, a ideia de patrimônio se confundiu com a ideia de mercadoria” (Krenak, 2021, p. 47), referente ao patrimônio edificado. É somente a partir da Constituição de 1988 que o Patrimônio Imaterial recebe atenção e, com ele, “a implicação da ideia de que a memória pode estar presente em objetos”, sendo estes valorizados pela “subjetividade que representam, não pela materialidade” (Krenak, 2021, p. 49). Logo, a visita realizada abrangeu não apenas os aspectos fabris e industriais materiais mas, também, os aspectos subjetivos, pessoais, operários, relatados em memórias compartilhadas, os quais significam a materialidade de forma humanizada. Assim sendo, a abordagem confere “não apenas costurar as suas memórias, afetos e vivências às materialidades da Rheingantz, mas, sobretudo, a ‘preservação de pessoas’ (Figurelli, Ribeiro & Messias, 2016, p. 134) e de suas marcas deixadas em cada parede da antiga fábrica, em cada máquina que trabalharam e em cada artigo têxtil que confeccionaram” (Costa, 2024, p. 46).

Como posto, então, a prática de valorização da oralidade encontra chão fértil no Projeto Objetos e Memórias da Fábrica Rheingantz, o qual conta com esta metodologia da história oral enquanto principal fonte para a preservação das memórias das(os) ex-operárias(os) da fábrica – as quais são despertadas por sua materialidade. A perspectiva buscada, pode-se dizer, é orientada por uma “autoridade de experiência”, conceito o qual não abre mão “do poder da experiência como ponto de vista a partir do qual [seja possível] fazer uma análise ou formular uma teoria” (hooks, 2017, p. 122).

Nessa esfera, Trouillout afirma que uma narrativa acurada na produção historiográfica precisa dos atores enquanto “sujeitos consequentes, conscientes das próprias vozes” e, por isso, “tem de colocar sua(s) voz(es) em primeira pessoa ou, pelo menos, tem de parafrasear essa primeira pessoa”, pois “sua subjetividade é parte integral do evento e de qualquer descrição satisfatória dele” (Trouillot, 2024, p. 64). Assim, é a partir do relato das ex-operárias e ex-operários, que se investiga como funcionavam as máquinas, por exemplo, sendo a valorização de seus saberes-fazer e de suas memórias o ponto chave do Projeto, pois mesmo que por vezes imprecisas, estabelece-se uma relação de respeito sobre suas experiências – havendo, em diversos casos, a comprovação de seus relatos orais através de fontes documentais.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Enquanto principal conclusão desenvolvida na atividade, encontra-se a relevância em conceber um paralelo entre o conteúdo e a realidade dos(as) estudantes, para que melhor o compreendam, e situem-se historicamente. Visualizando o período estudado em sua cidade, e como sua atuação a impactou e marcou econômica, social e identitariamente, há uma aproximação do conteúdo do(a) aluno(a), permitindo a instigação de sua curiosidade, e sua compreensão da importância em estudá-lo.

O caráter identitário, que encontra forte representação na fábrica, também foi compartilhado pelos(as) alunos(as), alguns(mas) dos(as) quais possuíam familiares que lá trabalharam. Tal exercício possibilita trocas e compartilhamentos, gerando respeito mútuo e valorização de experiências – segundo bell hooks, (2017, p. 247) “esse momento de participação e diálogo coletivo significa que os alunos e o professor respeitam – e invoco aqui o significado originário da palavra, ‘olham para’ – uns aos outros”. A preservação daquele patrimônio, portanto, recebe uma condicionante mais pessoal, ao fazer parte não só da história da cidade, mas de suas famílias.

Fig. 1: Visita ao interior da Rheingantz



Fig. 2: Visita à Rheingantz



Fonte: As autoras (2025).

Para referida identificação, se estabelece a valia da humanização do patrimônio, e a indissociação de seus aspectos materiais e imateriais, enquanto exercício basilar de compreensão identitária do mesmo. Isto se fez, portanto, no compartilhamento das memórias de ex-operárias durante a visita, as quais concederam vida às máquinas, aos espaços e às peças produzidas, em uma interlocução entre a Educação Patrimonial e a Memória Social. Assim,

a materialidade fabril perdida é trazida à tona através da oralidade, na voz potente destas mulheres, que a descrevem com tanta riqueza de detalhes que podemos sentir novamente o cheiro da lã, visualizar os setores de produção com as operárias trabalhando incessantemente, sob o controle dos superiores, e ouvir os ruídos ensurdecedores do maquinário (Costa, 2024, p. 75)

Nessa esteira, a arqueóloga Eleanor Casella (2005, p. 18), demonstra como a oralidade conduz “o registro material de volta à vida”, e referidas fontes “como manifestações ativas da vida cotidiana” (Casella, 2005, p. 28). Confere-se, portanto, a possibilidade de visitar os cotidianos, humanizando a materialidade, valorizando as memórias e respeitando, dessa forma, referenciais empíricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que aproximar o conteúdo da realidade dos(as) estudantes, em esfera municipal, significa firmar um caminho de aprendizado proveniente da própria história e experiência. Seguem-se, portanto, pressupostos inspirados nas pedagogias críticas da libertação, referenciadas pela educadora bell hooks, as quais “abraçam a experiência, as confissões e os testemunhos como modos de conhecimento válidos, como dimensões importantes e vitais de qualquer processo de aprendizado” (hooks, 2017, p. 120) – esses, aqui oriundos tanto dos(as) estudantes, quanto especificamente das(os) ex-operárias(os), na valorização da oralidade e relatos compartilhados de ambos.

Desse modo, ressalta-se a relevância dos relatos orais para uma reconstrução mais fidedigna do passado fabril, pois sem estes, a exclusiva revisão documental, por exemplo, pode revelar, principalmente, a rigidez das regras, ou as punições. Através destes testemunhos, são desvendadas as resistências diárias, as formas de resignificação dos cotidianos, e caminhos para se fazer comunidade, os quais proporcionam a sobreposição de memórias afetivas relacionadas à fábrica.





A humanização da materialidade é realizada, então, através dos relatos ouvidos, e, posteriormente, compartilhados, e a arqueóloga Vanessa Costa defende que “temos que torná-las [materialidade e oralidade] presentes através da força das memórias das ex-operárias” (Costa, 2024, p. 75). Esta metodologia encontra relevância nas mais diversas pesquisas arqueológicas, históricas e científicas em geral, ao caracterizar-se enquanto uma abordagem ética e colaborativa. A pesquisa oral possibilita inserção, convivência e proximidade à comunidade estudada, rompendo com a objetificação dos(as) sujeitos(as) estudados(as) e a distância posta sobre estes(as) e o(a) pesquisador(a).

Defende-se, portanto, que o diálogo entre as fontes escritas e/ou materiais, e os relatos orais confere o enriquecimento narrativo, considerando que, como escreveu o antropólogo Trouillot (2024, p. 50), “a história é para uma coletividade aquilo que a lembrança é para um indivíduo”. Assim, as memórias singulares das ex-operárias não homogeneizam a história em sua perspectiva individual; ao contrário, reforçam o sentido comunitário e identitário patrimonial em sua evidência e valorização – notório na frase da ex-operária da fábrica Rheingantz, Eloi Maciel: “Patrimônio é o sinônimo do meu segundo lar”³.

REFERÊNCIAS

ATALAY, Sonya. Indigenous Archaeology as Decolonizing Practice. **The American Indian Quarterly**, University of Nebraska Press, Volume 30, Number 3&4, Summer/Fall 2006, pp. 280-310. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4139016>. Acesso em: 12 out 2025.

CASELLA, Eleanor. “Social Workers”: New Directions in Industrial Archaeology. In: CASELLA; SYMONDS (ed.). **Industrial Archaeology: Future Directions**. New York: Springer, 2005.

COSTA, Vanessa Avila. **Tecendo narrativas sobre o cotidiano de mulheres operárias na Fábrica Rheingantz**: materialidades, memórias e caminhos para uma musealização colaborativa. Qualificação de Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

FIGURELLI, Gabriela; RIBEIRO, Diego; MESSIAS, Andréa. Memória, Senilidade e Museu: o caso do Museu Histórico de Morro Redondo-RS. **Publ. UEPG Appl. Soc. Sci.**, Ponta Grossa, 24 (2): 133-144, maio/ago. 2016.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. **Lugares de Origem**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

MATOSO, Caroline. **As Marias que tecem os amanhãs**: fiando a existência e tramando a resistência na fábrica Rheingantz (Rio Grande, 1920 a 1968). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

³Fragmento de relato da ex-operária Eloi Maciel, em uma visita à Antiga Fábrica Rheingantz.





NERY, Olívia; COSTA, Vanessa Ávila. Memórias do passado fabril e operário da cidade do Rio Grande: construindo narrativas patrimoniais e museais contra-hegemônicas. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.16, n.º 31, Jul/Dez/2024 – ISSN-2177-4129. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria>. Acesso em: 12 out 2025.

PAULITSCH, Vivian. **Rheingantz: Uma Vila Operária em Rio Grande**. Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

_____. **Ponta-Cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

_____. **Vence-Demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SILVA, Rogério. **O valor econômico do patrimônio cultural: o caso da fábrica Rheingantz em Rio Grande – RS**. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Pelotas, 2012.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

